REDIS: REVISTA DE ESTUDOS DO DISCURSO
https://doi.org/10.21747/21833958/red18a13

Entrevista à Professora Doutora Maria Aldina Marques: Revisitando 35 anos de docência e investigação científica

MARIA ALDINA MARQUES

mamarques@elach.uminho.pt

Professora Catedrática, Departamento de Estudos Portugueses e Lusófonos, Universidade do Minho, Portugal
Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho (CEHUM).
ORCiD: https://orcid.org/0000-0003-3263-1977

SOFIA MENESES-SILVA

asmsilva@letras.up.pt

Doutoranda em Ciências da Linguagem pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal
Centro de Linguística da Universidade do Porto (CLUP), Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal.
Bolseira de Doutoramento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia – Portugal (FCT). Ref. 2023.00589.BD
ORCiD: https://orcid.org/0000-0001-7519-6966

ENTREVISTA

TEXTO RECEBIDO A:

14/10/2025

TEXTO APROVADO A:

02/07/2026

Apresentação: Nesta entrevista, que teve lugar a 7 de março de 2025 na Faculdade de Letras da Universidade do Porto e foi preparada, realizada e transcrita por Sofia Meneses-Silva, temos a oportunidade de percorrer trinta e cinco anos de docência e de investigação da Professora Doutora Maria Aldina Marques e, com eles, de reconstituir a consolidação da Análise do Discurso no espaço académico português. Da descoberta da Linguística de Texto e da Pragmática, nos anos oitenta, ao trabalho mais recente sobre discurso político parlamentar, discursos presidenciais, géneros do oral e populismo, a entrevistada partilha connosco os caminhos de um percurso e as condições institucionais que o tornaram possível, com destaque para a criação de centros de investigação e o trabalho em rede entre eles. Fala-nos ainda de questões que continuam em aberto: a constituição e o tratamento de *corpora* orais, as regras de género que regulam o debate parlamentar e o papel dos linguistas na literacia política dos cidadãos. Ao publicá-la, a *REDIS: Revista de Estudos do Discurso* prossegue uma tradição que tem vindo a acolher, a de documentar a construção do próprio campo dos Estudos do Discurso em Portugal. A Professora Doutora Maria Aldina Marques é Professora Catedrática no Departamento de Estudos Portugueses e Lusófonos da Universidade do Minho e investigadora do Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho (CEHUM).



Interview with Professor Maria Aldina Marques: Revisiting 35 years of teaching and scientific research

MARIA ALDINA MARQUES

mamarques@elach.uminho.pt

Full Professor, Department of Portuguese and Lusophone Studies, Universidade do Minho, Portugal.
Centre for Humanistic Studies of Universidade do Minho (CEHUM).
ORCiD: https://orcid.org/0000-0003-3263-1977

SOFIA MENESES-SILVA

asmsilva@letras.up.pt

PhD candidate in Language Sciences at Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal.
Centre for Linguistics of Universidade do Porto (CLUP), Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Portugal.
PhD Fellow of the Foundation for Science and Technology – Portugal (FCT). Ref. 2023.00589.BD.
ORCiD: https://orcid.org/0000-0001-7519-6966

INTERVIEW

TEXT RECEIVED ON:

10/14/2025

TEXT ACCEPTED ON:

07/02/2026

Introduction: This interview, which took place on 7 March 2025 at the Faculty of Arts and Humanities of the University of Porto and was prepared, carried out and transcribed by Sofia Meneses-Silva, gives us the opportunity to look back over thirty-five years of teaching and research by Professor Maria Aldina Marques and, through them, to retrace the consolidation of Discourse Analysis in Portuguese academia. From her discovery of Text Linguistics and Pragmatics in the 1980s to her more recent work on parliamentary political discourse, presidential addresses, spoken genres and populism, she shares with us the paths of a career and the institutional conditions that made it possible, in particular the creation of research centres and the collaborative work between them. She also speaks to us about questions that remain open: the compilation and processing of spoken *corpora*, the genre rules that govern parliamentary debate, and the role of linguists in citizens' political literacy. In publishing it, *REDIS: Revista de Estudos do Discurso* continues a line it has been welcoming, that of documenting the making of the field of Discourse Studies in Portugal itself. Professor Maria Aldina Marques is Full Professor in the Department of Portuguese and Lusophone Studies at the University of Minho and a researcher at the Centre for Humanistic Studies of the University of Minho (CEHUM).

Nota biográfica académica - Maria Aldina Marques

A Professora Aldina Marques concluiu a sua licenciatura em Línguas e Literaturas Modernas (Português e Francês) em 1980 na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Já na Universidade do Minho, concluiu em 1990 o mestrado em Ciências da Educação e, em 2000, o doutoramento em Ciências da Linguagem, ramo de Linguística Portuguesa, já sob a orientação do Professor Joaquim Fonseca. É Professora Catedrática no Departamento de Estudos Portugueses e Lusófonos da Universidade do Minho, onde leciona há cerca de 35 anos; à data desta entrevista era Professora Associada com Agregação na mesma instituição. Pertence ao Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho (CEHUM) e colabora ativamente com o CLUP. Dedica-se eminentemente à Análise de Discurso, com especial destaque para o discurso político e os discursos orais do quotidiano.

Nota biográfica académica - Sofia Meneses-Silva

Sofia Meneses-Silva é doutoranda em Ciências da Linguagem na Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP), mestre em Português Língua Estrangeira e pós-graduada em Linguística Forense pela mesma instituição. É bolseira de doutoramento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) e, na sua tese, dedica-se à análise do discurso oral presente em chamadas de emergência, no âmbito da Linguística Forense e da Análise Conversacional. Foi na Universidade do Minho que teve o seu primeiro contacto com a Linguística, em particular com a Pragmática, justamente com a Professora Aldina Marques, no primeiro ano da licenciatura em Línguas Aplicadas.

CC BY

Entrevista

SOFIA MENESES-SILVA

Nesta entrevista, comecei por revelar que o meu primeiro contacto com as Ciências da Linguagem, particularmente, com a Linguística, foi com a Professora Aldina e eu creio que, além de ser pergunta da "praxe", faz todo o sentido iniciar a nossa conversa perguntando à Professora qual foi o seu primeiro contacto com a Linguística. Foi uma opção imediata? O que é que a motivou a enveredar por este caminho? E, já agora, aproveito para perguntar: porquê o discurso político parlamentar, em específico?

MARIA ALDINA MARQUES

Obrigada, Sofia. É um gosto estar aqui. Respondendo à sua pergunta, eu descobri a Linguística como a Sofia: na universidade. O meu curso era diferente, começou por ser de Filologia Românica, depois, chamou-se Licenciatura em Línguas e Literaturas Modernas na variante de Português/Francês e, portanto, havia todo um conjunto de cadeiras da área da Linguística. Foi aí que eu tive contacto com a Linguística. Não pensei, enquanto decorreu a licenciatura, que estava aí o meu futuro, que eu queria dedicar-me ao estudo da Linguística. Eu acabei a licenciatura, fiz estágio no secundário e dei aulas no secundário durante 10 anos. O que eu sempre senti foi uma falta, porque eu tinha conhecimentos sobre a língua que iam até ao nível da frase, mas eu trabalhava com textos com os alunos e a questão era: e agora? Tem de haver mais qualquer coisa para além da frase. A única área que, curiosamente, me dava algum apoio era a Literatura, que me dava algumas pistas. Depois, surgiu a oportunidade de fazer mestrado nas Ciências da Educação, que era o único mestrado que existia. Tinha a ver com o ensino do português e foi aí que eu descobri a Linguística de Texto e a Pragmática.

SOFIA MENESES-SILVA
Foram vários caminhos até chegar lá...

MARIA ALDINA MARQUES
É verdade. Foi com o Professor Amadeu Torres, que era meu professor na Universidade do Minho, mas era da Católica de Braga. Uma pessoa fantástica. E, a partir daí, foi assim uma revelação. Eu estava a aprender, estava a entrar por um caminho de que eu sentia falta, enquanto alguém apaixonada, efetivamente, pela língua. Daí ter, depois do mestrado, entrado na universidade como Assistente e ter feito, depois, o Doutoramento em Ciências da Linguagem com o Professor Joaquim Fonseca, aí já com um enquadramento discursivo ou pragmático, completamente diferente.

SOFIA MENESES-SILVA
A Professora ainda estava a fazer o doutoramento, ainda não tinha concluído o doutoramento, e já estava com o cargo de Assistente na Universidade do Minho?

MARIA ALDINA MARQUES
Sim, sim. Eu entrei como Assistente em 1990...

SOFIA MENESES-SILVA
Portanto, na conclusão do seu mestrado, não é?

MARIA ALDINA MARQUES
Sim e, depois, fiz já o doutoramento enquanto Assistente.

SOFIA MENESES-SILVA
Falando dessa transição da vida académica para a vida profissional, considera que, desde que

CC BY

concluiu o seu doutoramento, há mais de 25 anos, essa transição era mais fácil do que é agora? Quais eram os desafios?

MARIA ALDINA MARQUES

Eram completamente diferentes. Não é mero saudosismo, mas eu tenho muita pena que a carreira de Assistente tenha acabado, porque eu entrei como Assistente com umas funções bem delimitadas, com professores catedráticos que me acompanhavam, nomeadamente, o Professor Azevedo Ferreira e fui fazendo o meu percurso, fui desenvolvendo a minha investigação e fui aprendendo com os colegas a ser professora na universidade. Quando acabei o doutoramento, fiquei com autonomia para lecionar e para criar novas unidades curriculares (UC), quando possível. Eu conhecia a universidade, eu conhecia muito bem a escola, eu conhecia quais eram os princípios, quais eram os objetivos da escola, eu estava perfeitamente enquadrada e então tudo foi efetivamente mais fácil.

SOFIA MENESES-SILVA

Conhecia bem a máquina, como se costuma dizer!

MARIA ALDINA MARQUES

É verdade! E, foi, portanto, um andar muito apoiado. Acho que, agora, as pessoas são assim largadas e têm que se arranjar. Tenho pena, porque eu ganhei muito com essa experiência.

SOFIA MENESES-SILVA

Portanto, teve essa oportunidade que agora, se calhar, é mais difícil, não é?

MARIA ALDINA MARQUES

Sim.

SOFIA MENESES-SILVA

A Professora concluiu a sua licenciatura em Coimbra e depois vem fazer o mestrado ao Minho, acabando por ficar até agora. Houve alguma razão ou foi uma questão de oportunidade?

MARIA ALDINA MARQUES

Na verdade, foram questões familiares que me trouxeram para Braga. Eu sou do Norte, eu não sou natural de Coimbra. Eu sou natural de Lousada, distrito do Porto. O ter ido para Braga foi por questões familiares e o fazer o mestrado na Universidade do Minho foi algo que eu trouxe de Coimbra. Eu cheguei efetivamente a tentar inscrever-me no mestrado em Coimbra, mas tive que optar, porque ou fazia o mestrado ou fazia o estágio. Optei por fazer o estágio no ensino secundário, que durava dois anos, chamada profissionalização em exercício. Então aí desisti do mestrado, mas fiquei sempre com aquela ideia de "quero continuar a estudar, eu preciso de continuar a estudar". No Minho, surgiu este primeiro mestrado em 85 e eu concorri, fiquei, e, portanto, vem daí a minha ligação à Universidade do Minho.

SOFIA MENESES-SILVA

Recuando a setembro de 2016, e já lá vão quase 10 anos desde a altura em iniciei a minha licenciatura em Línguas Aplicadas, o que é que a Professora mais sente que se tem alterado ao longo destes anos de docência? Que balanço faria da sua experiência? Tem assistido a várias gerações nestes anos todos. Encontrou desafios?

MARIA ALDINA MARQUES

Eu sempre senti que ser professora na universidade implicava vários desafios e eu posso, e digo com muito orgulho que, ao longo destes quase 35 anos na universidade, tenho uma experiência muito positiva da relação com os alunos, da relação docente. Não significa que tudo correu bem "sobre rodas" em todos os momentos, mas isso faz parte. Acho que consegui sempre estabelecer uma boa

relação com os alunos, que também era mais fácil quando tínhamos cadeiras anuais, unidades curriculares anuais, porque havia um tempo de contacto, de amadurecimento da relação, o que era muito positivo. O que eu sinto agora de mais desafiante é a falta de tempo, é ser tudo muito rápido, muito a correr, não dá para parar um pouco e dizer "então vamos ver este aspeto, vamos fazer esta experiência, vamos aplicar, vamos tentar ver como" e, não dá, porquê? Porque o semestre está a acabar. A loucura é efetivamente essa. O que é assim de mais positivo é que eu tenho encontrado gente fora de série, alunos fantásticos, que vão desenvolvendo depois a sua carreira e me deixam absolutamente orgulhosa.

SOFIA MENESES-SILVA

Exatamente! Olhando aqui para a lista de projetos de doutoramento que orientou, eu reconheço facilmente alguns nomes por me serem bastante familiares como é o caso da Professora Sílvia Araújo, a Professora Conceição Varela, que aliás também foram minhas professoras na Universidade do Minho e, portanto, é curioso que a Professora numa dada altura está a orientar estudantes de doutoramento e, mais tarde, tornam-se suas colegas no Departamento de Estudos Portugueses e Lusófonos. Reconheço também outras investigadoras, umas mais próximas da academia, como é o caso da Isabel Fuzeta Gil, Ana Braz, Micaela Aguiar e, num contexto mais profissional, a Daniela Braga, que também estudou cá na FLUP, acho que fez a sua licenciatura aqui. Nos últimos anos, a Daniela tem dado imenso que falar a nível internacional levando a Linguística e o Processamento da Linguagem Natural cada vez mais longe e, portanto, a Professora já descreveu um pouco este sentimento, mas deve ser realmente muito gratificante olhar para estas carreiras e ver que acompanhou estas investigadoras e docentes e que estão a fazer um trabalho bastante produtivo. Como descreveria melhor esse sentimento?

MARIA ALDINA MARQUES

Ver pessoas que nos chegam como alunos e que depois se tornam colegas faz parte de sentir que a

nossa vida vale a pena, em termos profissionais, estou a falar da dimensão profissional. Eu sempre aprendi com todos, não apenas com os mais velhos. Algumas tornam-se colegas, desenvolvem a sua carreira de uma forma que me leva a querer ver, a querer aprender com aquilo que estão a fazer porque, efetivamente, são pessoas muito válidas, que trabalham, que fazem a universidade andar para a frente. A Daniela ocupa aí, obviamente, um lugar particular. Fui professora dela no mestrado, orientadora da dissertação e coorientadora do doutoramento, que fez na Corunha. A Daniela, desde sempre, é aquilo que se chama de força da natureza. Tem uma capacidade, uma confiança, um desejo de trabalhar e de fazer coisas que é absolutamente fantástica. É dela. Aprendeu também aqui no Porto, com certeza, ela já trazia daqui muitos projetos, muitas perspetivas de futuro interessantes e, realmente, tenho muito orgulho. Mas também tenho muito orgulho em todos os outros.

SOFIA MENESES-SILVA
Claro, eu só mencionei aqui alguns nomes...

MARIA ALDINA MARQUES
Existe uma outra dimensão que é: começo a ter alunos de licenciatura que, no primeiro dia de aulas, me dizem assim: "Professora, foi professora da minha mãe, foi professora do meu pai..." e é, assim, um orgulho muito grande. Já tenho encontrado mãe e filha! Estou a pensar na Inês, que foi a última que me disse isso. Já tenho encontrado mãe e filha que me fazem ambas uma festa muito grande, porque foram ambas minhas alunas.

SOFIA MENESES-SILVA
Isso é muito engraçado!

MARIA ALDINA MARQUES
É... é a idade!

CC BY

SOFIA MENESES-SILVA

E esta colaboração com o Centro de Linguística aqui da Universidade do Porto, o CLUP, recorda-se quando é que começou? Foi através da orientação do Professor Doutor Joaquim Fonseca? Naturalmente, o Senhor Professor deve ter constituído aqui uma porta de entrada. Além disso, também publica ativamente com a Professora Isabel Margarida e com a Professora Alexandra Guedes Pinto. Recorda-se como é que começaram estas colaborações?

MARIA ALDINA MARQUES

Já foi há alguns anos. Eu creio que foi o Professor Joaquim Fonseca que, efetivamente, me trouxe para aqui. Ele foi-me proposto como orientador pelo Professor Azevedo Ferreira do Minho. Quando eu lhe disse a área em que gostaria de trabalhar, ele disse-me "então, tem que ter como orientador o Professor Joaquim".

SOFIA MENESES-SILVA

E era possível fazer isso mesmo na Universidade do Minho?

MARIA ALDINA MARQUES

Era possível. Agora também ainda é possível, sobretudo com coorientação, mas na altura nem se falava em coorientação, portanto, foi ele, efetivamente, o meu único orientador. Abriu-me as portas aqui da Faculdade de Letras e do CLUP. A Professora Isabel Margarida, pelo menos, naquilo que me lembro, eu conheci-a no *Quid Novi* de 2001. Eu vim aqui apresentar a minha tese, que tinha defendido no ano anterior, e a Professora Isabel Margarida também estava. Pelo menos, nesta altura, eu sei que a conheci e fomos nos encontrando em congressos, em eventos variados, criando afinidades linguísticas... e criando afinidades pessoais também! A certa altura demos por nós a trabalhar em conjunto. Surgiu naturalmente, eu não sei exatamente em que momento e porque apareceu, mas só fazia sentido trabalharmos em conjunto. A Professora Alexandra foi também

orientada pelo Professor Joaquim Fonseca e lembro-me, talvez seja a minha recordação mais antiga, de estar à conversa com ela no dia em que foi feita a homenagem ao Professor Joaquim Fonseca quando ele se reformou. E esse também é o momento que eu recordo. É muito importante encontrarmo-nos em congressos, em eventos científicos porque é uma oportunidade não só para mostrarmos aquilo que estamos a fazer, mas também para ver o que os outros andam a fazer e daí surgem necessariamente aproximações e ideias.

SOFIA MENESES-SILVA

Aproveito a ocasião então para falar de eventos científicos, pois é nestes eventos que normalmente conhecemos investigadores que apreciamos. A Professora recorda-se de ter conhecido alguém, assim uma figura da Linguística, de que se orgulha?

MARIA ALDINA MARQUES

Conheci. Eu acho que corro o risco de me esquecer de uma série de gente, mas o Professor Joaquim Fonseca é daquelas figuras centrais, não só por ser meu orientador, mas pelo que produziu, pelo que publicou. São textos riquíssimos, onde ainda hoje eu volto com muito proveito e, por isso, deixo já esse lugar ocupado. Lembro-me, ainda Assistente, de ter ido a um encontro em Antuérpia e estar à conversa com o Professor Van Dijk, que eu conhecia dos livros, é aquela expressão de "eu estou a ver a minha bibliografia entrar na sala". Foi um orgulho enorme poder estar a conversar com o Professor Van Dijk. Depois, em outros, em França, conheci o Professor Christian Plantin, o Professor Jacques Brès, o Professor Rabatel de quem eu falo tanto... A Professora Kerbrat-Orecchioni. Tantos, tantos! A Professora Ruth Amossy. Tantos que fui conhecendo, com quem tive a oportunidade de conversar e que contribuem efetivamente para criar um sentimento de comunidade, sabe? De comunidade linguística... que é muito importante, porque o isolamento é algo que nos pode travar.

CC BY

SOFIA MENESES-SILVA

Eu ia precisamente por aí... Então, a Professora concorda que estas colaborações como as que tem com o CLUP, e com outros centros de investigação no resto do país, contribuem mesmo para evitar um sentimento de isolamento? Às vezes, parece-me haver um sentimento de que os outros centros de investigação são concorrência. Concorda que estas colaborações são essenciais para quebrar várias barreiras?

MARIA ALDINA MARQUES

Fundamentais! Sempre foi importante, mas atualmente o trabalho em rede, e não estou a falar no digital, o trabalho em rede de centros de investigadores de universidades é absolutamente fundamental.

SOFIA MENESES-SILVA

Eu lembro-me de que, há uns tempos, eu fiz uma entrevista também à Professora Isabel Margarida Duarte que me descrevia que na época em que terminaram o doutoramento este sentimento de isolamento era maior, porque não tinham um CLUP, não tinham um espaço físico até para conversar e conviver com os colegas. Não havia as bolsas nem os projetos que há agora e, portanto, acho que a Professora confirma isso, certo?

MARIA ALDINA MARQUES

Estou absolutamente de acordo, porque acho que foi um avanço. Porque mesmo para quem começa, há mais oportunidades de integrar grupos de investigação, de participar, o que vai dando uma experiência muito boa e muito rica. Eu não sei se sabe que, quando eu fiz o doutoramento, não era comum nós fazermos apresentações de partes do nosso trabalho porque o que nos era dito era "este trabalho é um trabalho original", ora, se eu for apresentar e publicar, quando for defender já não é original. Vejam como nós avançamos, é totalmente diferente agora.

SOFIA MENESES-SILVA

Agora eu acho que é totalmente o oposto: quanto mais divulgarmos Ciência, mais positivo é.

MARIA ALDINA MARQUES

É verdade e incentiva-se que os alunos de doutoramento, nomeadamente, façam a apresentação do seu trabalho, do que estão a fazer e isso vai valorizar.

SOFIA MENESES-SILVA

Claro que sim. Hoje em dia, no CLUP, temos várias sessões, os seminários do doutoramento, para fazer exatamente isso, para divulgarmos o plano em curso, dialogarmos com os colegas, enfim... Portanto, eu acho que é um paradigma totalmente oposto.

MARIA ALDINA MARQUES

É verdade, é verdade.

SOFIA MENESES-SILVA

Falando agora de projetos. Eu lembro-me de que, nas suas aulas, um dos aspetos que me chamava mais a atenção era quando a Professora falava do Projeto Sociolinguístico da Fala Bracarense. Era um projeto que, de facto, despertava, imediatamente, a minha atenção. Eu acho que a minha paixão pelo discurso oral vem um pouco daí e eu lembro-me de que eu pensava: "mas quem é que estuda a fala bracarense? Que interesse é que isso tem? Afinal não interessa só o Porto e Lisboa?" Na época, ainda era um projeto recente, de 2016, e a Professora foi integrante do projeto, aliás, uma parte da sua produção científica deriva daí. Tem vários artigos publicados sobre marcadores discursivos que ocorrem nesse corpus *e é um projeto realmente importante, a meu ver, porque não há muitos assim. Devem existir imensos desafios num projeto como este, especialmente, em ter que constituir um* corpus *oral. Eu gostava de saber especificamente quais é que são os desafios que se encontra quer no*

tratamento quer na constituição de um corpus *desta natureza, ou seja, de entrevistas orais, de dados autênticos.*

MARIA ALDINA MARQUES

Esse projeto eu integrei até numa fase mais tardia, foi realizado na Universidade do Minho, teve primeiro como investigadora principal a Professora Isabel Ermida e depois teve a Professora Pilar Barbosa, quando a Professora Isabel Ermida saiu. O objetivo era exatamente recolher um *corpus* de dados autênticos, que é sempre o nosso problema, sobretudo, na oralidade. Claro que havia já os grandes *corpora* do português oral e isso tudo, mas relativamente à região onde se situa a Universidade do Minho, nós não tínhamos assim nada de específico, então este *corpus* foi importantíssimo para podermos depois trabalhar, identificar, descrever e explicar uma série de funcionamentos da oralidade que nascia daí. Foi um projeto financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) e tínhamos como entrevistadoras, creio, quatro ou cinco entrevistadoras, que eram nossas alunas de Mestrado, que foram treinadas para fazer essas entrevistas sociolinguísticas. Portanto, houve um trabalho inicial de preparação, porque se seguiu a proposta de Labov, e foi-se constituindo o *corpus*, ou tentando constituir, porque houve algumas falhas, não havia informantes que preenchessem aqueles critérios, mas foram tentando fazer com que houvesse entrevistas que respondessem a cada uma daquelas variáveis que tinham sido estabelecidas.

SOFIA MENESES-SILVA

Interessante, porque eu lembro-me de ler, talvez num artigo seu, que os participantes eram informados que estavam a ser gravados, mas, a certa altura, nota-se que dispersam e já não se recordam de que estão a ser gravados, então a conversa fica totalmente diferente. Acho muito curioso que realmente isso tenha acontecido, porque só o facto de os estarmos a informar que estão a ser gravados muitas vezes altera o tipo de discurso produzido tornando-se mais artificial, não é?

MARIA ALDINA MARQUES

Sim, sim, é verdade. Em termos de registo, considerando todas as gravações, nós vamos encontrar alguma variação. Eram combinadas as entrevistas, as pessoas eram contactadas previamente para, num determinado dia, numa determinada hora, muitas vezes na Junta de Freguesia, se reunir para o fazer. O microfone e o saber que se vai ser gravado têm alguma interferência. Como durava uma hora, era tempo suficiente. Lembro-me de uma senhora que dizia "Ah estão a gravar estas coisas..." e ela estava preocupada com a forma como estava a falar até porque tinha sido professora do primeiro ciclo. Depois temos, e eu creio que terei dado esse exemplo nas aulas, um informante da zona da Sé de Braga que usou uma linguagem muito colorida, com todos os palavrões que ele sabia, mas inicialmente com a preocupação também de não os dizer. É um momento muito interessante para trabalharmos sobre a consciência que os falantes têm sobre a sua língua, sobre o modo como usam e como devem usar a língua e ele diz "eu acho que ainda não disse nenhum" porque, e acrescenta, "eu é assim, é uns atrás dos outros, mas eu acho que não disse nenhum" e a entrevistadora ri-se e diz "ah, mas fale à vontade!". E ele responde: "mas eu não digo com rancor". E é muito interessante, ou seja, o facto de ele ligar o palavrão a situações de discórdia e de insulto. Ele dizia não é com aquele rancor, é assim: palavrões acima, palavrões abaixo. É a expressão dele e é interessante, porque ele descontraiu e até ao fim da entrevista disse todos os palavrões.

SOFIA MENESES-SILVA

Num artigo seu sobre este tipo de interações e que está publicado aqui numa das "revistas da casa", a REDIS: Revista de Estudos do Discurso*, em que a Professora se dedica especificamente ao estudo de pregões e chamamentos em pequenos mercados e feiras ao ar livre (Marques, 2012), o que eu achei maravilhoso! À primeira vista, este tipo de interações parece-nos banal, porque quem é que se lembra de pegar num microfone ou num gravador e ir para o mercado e gravar como é que as pessoas falam, como é que realizam estas transações comerciais. Eu própria passo por essa experiência quando*

alguém me pergunta o que é que eu estudo e, quando eu digo que estudo chamadas de emergência, as pessoas perguntam porquê e para quê. Gostaria que a Professora comentasse qual é a importância de estudar este tipo de interações e de que forma é que são relevantes para contribuir para o estudo da compreensão das interações humanas?

MARIA ALDINA MARQUES

É uma pergunta interessante. Trata-se de valorizar os discursos do quotidiano. A análise linguística dos discursos, como eu dizia há pouco, interessa-se por todos os discursos. Estes discursos quotidianos foram de algum modo marginalizados durante muito tempo por serem considerados exatamente banais, sem nada de interessante. Estas gravações resultaram de um projeto que eu fiz com os meus alunos, pela primeira vez em 2007/2008 e que depois começou exatamente com uma UC que eu tinha, e tenho, de Análise Conversacional. Mas, antes disso, também com um projeto num curso de Estudos Portugueses que nós fizemos e que acabou rapidamente porque entrou Bolonha e que tinha um ramo de Artes e Humanidades. Este curso tinha um projeto integrado que funcionava no segundo semestre do quarto ano e eu fiquei responsável por esse projeto e tinha duas alunas a quem propus fazer esse tipo de recolha. Obviamente, foi durante muito pouco tempo, estávamos ainda a começar. Contudo, é mais interessante ainda porque me permite, por exemplo, agora nas aulas explicar uma série de questões que foram surgindo na altura. Nós reuníamos e discutíamos "e agora, como é que vamos resolver isto? E agora, como é que vamos fazer?". Porque íamos fazendo e tentando que funcionasse. Nessas interações, nós descobrimos coisas muito interessantes. O facto de ser em espaço aberto foi uma das primeiras dificuldades que elas tiveram. Onde é que começa e onde é que acaba uma interação nestes contextos? Porque estava o feirante, o vendedor, que estava a falar com o cliente, mas vinha outro que interferia e depois vinha outro que interferia. Eu lembro-me que a certa altura tínhamos cinco interações a acontecer ao mesmo tempo. Levantou-se a seguinte questão teórica: é uma interação só ou são interações diferentes? Estivemos a

analisar para poder responder a isso. Depois, vimos as formas de tratamento e as fórmulas de agradecimento, como "obrigadinha" ou "obrigadinha, minha santa", que acontecia muitas vezes. O humor, o "auto humor", como forma de socialização é muito usado em pequenas interações. Eles vão brincando, vão criando, não é a interação transacional pura, não é só com o ritual, introduzem sempre comentários jocosos, são pessoas bem-dispostas, são pessoas que vão muito falando de si próprias, do género "quero-me ir embora, a minha cabeça vai deitar fumo", comentam "e esse sapato, um preto e outro azul, assim é que eu vou bonita, agora é eu que eu vou ficar jeitosa". São estes comentários muito interessantes que vão aparecendo nesse tipo de interações.

SOFIA MENESES-SILVA

A Professora falou exatamente que o discurso oral quotidiano passou por um tempo em que era marginalizado. Eu lembro-me que a Professora menciona precisamente isto num artigo, num capítulo, aliás, que está publicado no Volume de Atas do Encontro Comemorativo dos 25 anos do CLUP, onde comenta precisamente "a análise linguística, quase exclusivamente preocupada com o texto escrito" (Marques, 2002, p. 32). Sente que este paradigma se tem alterado de uma forma acentuada nestes últimos anos?

MARIA ALDINA MARQUES

Tem sido progressivo, ainda que pelas muitas dificuldades que se vão levantando na constituição destes *corpora*. Felizmente, começamos já a ter acesso a *corpora* variados e a ter muita gente a trabalhar nesta área. Na altura, Kerbrat-Orecchioni e Verónique Traverso para mim foram uma inspiração, pois efetivamente trabalharam sobre este tipo de interações. Lembro-me de estar a conversar com a Professora Catherine Kerbrat-Orecchioni e perguntei-lhe: "como é que fizeram estas gravações?" Porque eram gravações de comércio pequeno, espaço fechado, por exemplo, padarias, pastelarias, etc. e ela disse-me "muito simples, porque tornava-se difícil explicar exatamente o que é que queríamos e então as minhas doutorandas passaram a vender pão".

CC BY

SOFIA MENESES-SILVA

Fantástico! Lembra-se de algum projeto, com as suas doutorandas, por exemplo, e não necessariamente sobre estas interações, que a tenha marcado de uma forma especial?

MARIA ALDINA MARQUES

Ora bom, em termos de doutoramento é o dos discursos presidenciais.

SOFIA MENESES-SILVA

Pois, eu gostaria de falar um pouco sobre esse projeto...

MARIA ALDINA MARQUES

Fui dirigindo esse projeto ao longo de 10 anos, o que é muito tempo para um projeto. Mas fomos estendendo porque não tivemos financiamento da FCT e, portanto, alguns trabalhos que queríamos fazer não conseguimos e os outros que fomos fazendo foi de forma mais lenta, conforme podíamos. Mas deu um resultado ótimo, deu um resultado maravilhoso. Nós não tínhamos quase nada sobre os discursos presidenciais. Em termos das Ciências da Linguagem, tínhamos pouco sobre o discurso político, aliás, era sobretudo da Ciência Política e do Jornalismo, de gente que trabalhava nessa área e sobre o discurso político, mas os discursos presidenciais eram muito pouco trabalhados. Foi daí que surgiu a ideia e, sobretudo, de trabalhar os discursos presidenciais de comemoração. Nós trabalhámos sobretudo sobre o 25 de Abril, mas também chegámos a trabalhar sobre a mensagem de Ano Novo. Queríamos muito, e é um projeto que ficou de lado, fazer sobre os discursos presidenciais do 10 de junho, que achamos que valia a pena estudar e ficou um pouquinho para trás porque exigia andar à procura para constituir o *corpus*, como aconteceu com os discursos de Tomada de Posse, mas a Micaela Aguiar que era minha doutoranda, e fez uma tese belíssima, andou à procura e constituiu um *corpus* com todos os discursos de Tomada de Posse nos 100 anos da República. Alguns estão incompletos porque apenas foram divulgados excertos e foi ela que

recolheu. Demorou imenso tempo a fazer isso e depois, generosamente, colocou também os discursos presidenciais na Linguateca, onde estão agora disponíveis para quem quiser ver, com o nome *PRAbril*.[1]

SOFIA MENESES-SILVA

Foi um projeto, aliás, que fez em colaboração com a Professora Isabel Margarida, com a Professora Alexandra Guedes Pinto, com o Professor Rui Ramos, com a Professora Rosalice Pinto e com a Professora Isabel Seara, portanto, uma equipa ótima.

MARIA ALDINA MARQUES

Uma equipa ótima, de gente com conhecimento, com uma capacidade, com uma forma de relacionamento que ajudava e que dava ânimo para continuar. Encerrámos o projeto com as *Vozes que moldam Abril* (Marques et al., 2024). Uma equipa que eu espero e que, de certeza absoluta, não se vai desfazer, vamos continuar nesta tal rede de contactos, de colaboração, até a nível individual porque nalguns casos não temos um centro por trás. Claro, o que temos são investigadores que colaboram connosco numa continuidade que é absolutamente enriquecedora.

SOFIA MENESES-SILVA

Exatamente, eu diria que é um projeto excelente, aliás, publicaram um livro online, disponibilizaram o corpus *também na Linguateca, imprimiram alguns exemplares do livro, tudo sem financiamento. Acha que a falta de financiamento neste tipo de projetos é impeditiva para a sua realização? Eu sinto que este projeto prova o oposto, ou seja, que é possível fazerem-se projetos excelentes sem financiamento, mas isto deve exigir um trabalho inacreditável...*

MARIA ALDINA MARQUES

Não é impeditivo, pois como eu disse há pouco pode atrasar, pode impedir-nos de desenvolver mais um aspeto ou outro, mas não é impeditivo. Nós como professores universitários temos a dimensão

1. Os discursos presidenciais estão disponíveis na Linguateca, no DisPR, que reúne o PRAbril, com os discursos das comemorações do 25 de Abril entre 1977 e 2024, e o PRPosse, com os discursos de tomada de posse nos cem anos da República Portuguesa, compilado por Micaela Aguiar no âmbito da sua tese de doutoramento. Disponível em https://linguateca.pt/acesso/corpus.php?corpus=DISPR

CC BY

da docência e temos a dimensão da investigação. Fomos tendo algum apoio a partir do CEHUM, fomos tendo depois da UMinho Editora, a quem eu submeti o livro e que aprovou e, por isso, publicou. A parte da investigação física, em papel, foi o CEHUM, mais uma vez, que deu o seu apoio. Efetivamente, é possível, faz-se imenso. Pensar que o que se faz de boa investigação é aquela que é financiada a nível nacional pela FCT ou, a nível internacional pelos diferentes mecanismos que existem, não é verdadeiro. Há muito boa investigação que é feita pelo empenhamento dos docentes, dos investigadores, dos alunos de doutoramento e, ainda, dos alunos de mestrado, que agora também espero que comecem, progressivamente, a fazer parte dos grupos e com os quais eu espero criar uma dinâmica que eu acho que é efetivamente interessante.

SOFIA MENESES-SILVA

Agora uma pergunta assim "mais fora da caixa": entre Ramalho Eanes, Mário Soares, Jorge Sampaio e Aníbal Cavaco Silva, em termos discursivos, com qual é que se identificou mais e porquê?

MARIA ALDINA MARQUES

Ora bom, é difícil essa pergunta. Eu não deixo de ter uma certa admiração pelo General Ramalho Eanes, no modo um pouco austero, porque é interessante de ver o texto, mas também ouvir e, com a abertura do Arquivo da Rádio e Televisão de Portugal (RTP), nós temos acesso. Era um homem austero, extremamente jovem, mas com um *ethos* de autoridade, de liderança, que era efetivamente marcante. De um outro lado, sem desconsiderar os que ficam no meio, sem desconsiderar os outros, um *ethos* de sensibilidade, acho que se nota mais nos textos de Jorge Sampaio.

SOFIA MENESES-SILVA

Mas se tivesse que estudar os discursos de algum até ao resto da sua carreira, qual é que escolheria?

MARIA ALDINA MARQUES

Eu iria dizer: deixem-me estudar todos!

SOFIA MENESES-SILVA

É perfeitamente válido! (risos) Então, acho que agora consigo aqui abrir espaço para falarmos um pouco de discurso político. A sua tese de doutoramento intitula-se Funcionamento do discurso político parlamentar: a organização enunciativa no debate da interpelação ao governo *(Marques, 2000), portanto, eu não poderia mesmo deixar de dedicar aqui algum tempo a este tema, especialmente, considerando os tempos que vivemos, em concreto, na Assembleia da República Portuguesa. Retomando aqui uma reportagem que vi há algum tempo na televisão acerca das intervenções que temos vindo a assistir e sendo especialista neste tipo de discurso, pergunto-lhe: afinal o que é que se pode ou não dizer na Assembleia da República?*

MARIA ALDINA MARQUES

É uma pergunta sempre armadilhada, porque a liberdade de expressão é algo que tem que ser respeitada e em todo lado, nomeadamente, na Assembleia da República, mas como também nós já falamos, o modo como comunicamos não é caótico, é muito heterogéneo, muito diversificado, mas não é caótico. Nós comunicamos aplicando determinadas regras, desde logo, as regras do género. Bakhtin dizia que as regras do género eram tão fundamentais como as regras da sintaxe. Portanto, vamos aplicar essas regras. O Parlamento é um lugar de discursos que tem as suas próprias regras e não são restritas. O regulamento e o estatuto do deputado fazem referências um pouquinho vagas, eu acho que propositadamente vagas a esta questão do modo de falar, mas preveem, e aí é interessante, que o Presidente retire a palavra a um deputado, a um membro do governo, por considerar inadequada a linguagem, prevê a defesa da honra e consideração, onde entraria exatamente a possibilidade de contradizer quem fez uma série de afirmações que não eram adequadas. Curiosamente, essas defesas da honra e consideração, normalmente, são utilizadas como um refúgio para que o partido que entretanto esgotou o tempo de que dispõe possa falar mais um bocadinho. Vai mais nessa direção. Encontramos, depois, na própria construção discursiva,

momentos metadiscursivos onde essas questões aparecem, quer pela parte do Presidente, que tem essa função, de advertir quem está a usar a palavra de que está a usar linguagem que não é parlamentar.

SOFIA MENESES-SILVA

Havendo uns presidentes mais tolerantes do que outros...

MARIA ALDINA MARQUES

Exatamente, por exemplo, o uso do "você" sempre mereceu as chamadas de atenção e, agora, nem sempre, aliás, cada vez menos, o que me leva a pensar que está em curso uma mudança nessas regras, nomeadamente, das formas de tratamento, muito mais tolerante. Porque até a forma de tratamento "tu" começa a entrar. Lembro-me de, pouco depois do 25 de Abril, haver um caso de alguém que tratou por "tu", também em momentos de muita tensão, mas absolutamente esporádico; agora eu consigo encontrar vários exemplos desse uso da segunda pessoa do singular, portanto, o que me leva efetivamente a pensar que estas regras estão a mudar. O que me parece é que, em termos da relação com o outro, os deputados têm também muito presente o facto de eles estarem ali num determinado papel sociodiscursivo, numa determinada função, estão ali como deputados, como representantes do povo português e isso obriga, por respeito ao povo português, por respeito aos outros também, a um tratamento formal e um tratamento cortês. Por outro lado, estamos num lugar de dissenso, ninguém está ali para concordar com o outro, pelo contrário, está ali para discordar do outro e, por isso, os ataques são de algum modo expectáveis. Há, efetivamente, uma forma linguística de circunscrever o insulto: não chamando "mentiroso", mas dizendo que é mentira ou dizendo que é politicamente incompetente. Este "politicamente" vai delimitar um universo discursivo e, por isso, evita que seja um ataque pessoal, um ataque *ad hominem* ou *ad personam*, que efetivamente pode acontecer. O que temos assistido nos últimos tempos e quando se torna efetivamente notícia de telejornal, sempre pelos maus motivos, é um não respeito desse

estatuto. É daí que tem que partir o modo como cada deputado, cada membro do governo, vai usar a língua, sabendo que está numa instituição nacional importantíssima, sabendo que está lá como no papel sociodiscursivo de deputado, de representante do povo português, e é assumindo esse papel que tem que falar.

SOFIA MENESES-SILVA

Eu lembro-me de ler num artigo publicado no Correio do Minho (Cordeiro, 2013), que também foi publicado no Público, creio eu, em que a Professora afirma precisamente que "o discurso político está cada vez mais agressivo". Considerando aquilo que me explicou até agora e tendo em conta que estamos em 2025, utilizaria o mesmo adjetivo, isto é, agressivo, para descrever a realidade atual da Assembleia da República?

MARIA ALDINA MARQUES

Utilizaria. Efetivamente, está a atingir um nível de agressividade que é inaceitável. Não é por acaso que o Presidente da Assembleia da República pediu uma vez que os líderes das diferentes bancadas se reunissem, debatessem e refletissem sobre essa questão, porque se trata de usar um registo de língua que é inaceitável, que é incongruente com esse papel e com essa função. Não é a pessoa A ou a pessoa B que está ali, mas é o deputado A ou o deputado B. Relativamente à pessoa A, eu não estou interessada, como cidadã, em saber a opinião da pessoa A necessariamente, mas estou muito interessada em saber a opinião do deputado A, porque aquilo que ele diz, aquilo que ele faz no Parlamento, vai ter consequências na minha vida e na vida dos cidadãos.

SOFIA MENESES-SILVA

A Professora publicou também em 2019 um capítulo intitulado "Especificidades do discurso político parlamentar em A Queda dum Anjo*, de Camilo Castelo Branco" (Marques, 2019). Este capítulo foi publicado no âmbito de um evento sobre estudos camilianos em Famalicão e, a meu ver, foi um artigo*

CC BY

que lhe "assentou com uma luva", pois parece que há temas que estão à nossa espera para serem explorados e este foi um caso bastante nítido. Eu sou muito suspeita porque eu gosto imenso de Camilo e da sua obra. A Professora estabelece aqui uma análise contrastiva entre uma simulação de subgénero debate parlamentar que está presente na obra A Queda dum Anjo *e alguns excertos mais contemporâneos do Diário da Assembleia da República. Eu gostaria de saber como é que surgiu esta ideia.*

MARIA ALDINA MARQUES

Eu também gosto de Camilo, estudei *A Queda dum Anjo*, fez parte dos livros que eu trabalhei quando estava na universidade em Coimbra e, depois, fizeram-me um convite para participar nesse encontro e eu lembrei-me logo de juntar aquilo que é a minha investigação, portanto, o discurso político e foi um gosto porque eu gosto imenso d'*A Queda dum Anjo*. Foi um gosto explorar a obra a partir desta perspetiva, ou seja, de olhar para o que naquela obra era uma simulação de um Parlamento no século XIX e, a partir daí, fui ver, porque está disponível, felizmente temos acesso a todo esse acervo, alguns exemplares de verdadeiros debates parlamentares e contemporâneos dos anos de Calisto Elói e, depois, vi também na atualidade. O que é que Camilo traz do debate parlamentar? Exatamente esta diatribe entre os deputados que, na altura, se ameaçavam de bengaladas, quando discordavam uns dos outros. Mas é algo que, sendo parcelar, nos traz muitas semelhanças com o que efetivamente acontecia na altura e, depois, com o que acontece agora. Essa agressividade, essa forma de usar estes argumentos quando falham os outros é algo que se mantém até à atualidade.

SOFIA MENESES-SILVA

Mesmo após estes 150 anos que separam as cenas simuladas do texto camiliano e os discursos mais contemporâneos, existe realmente a permanência de várias características, não é? Quer dar alguns exemplos?

MARIA ALDINA MARQUES

Eu iria só relembrar uma questão: é um género discursivo, como eu dizia há pouco, e os géneros discursivos não são estáticos, vão alterando com a sociedade, mas vai permanecendo algo que nos permite dizer que ainda é o mesmo género, que já não é um género diferente. Ora, esta relação com o adversário, por vezes, a atingir um grau de agressividade que pode ser considerado desadequado, que não se pode tolerar, é algo que permaneceu. Como eu dizia, no século XIX, ofereciam-se bengaladas e prometia-se duelos e outras coisas, agora não, felizmente, mas continua-se a agredir o adversário quando o que está em causa é o debate de ideias ou deveria ser. António Damásio dá-nos uma ajuda: razão e emoção não são a dicotomia cartesiana, antes estão embricadas. Logo não é possível afastar a emoção, a questão é o controlo dessa emoção e, a certa altura, ela extravasa e fica como a única dimensão em palco porque aquilo parece um teatro.

SOFIA MENESES-SILVA

Falando de dicotomias... A Professora marcou recentemente presença numa conferência na Universidade do Minho, intitulada "Discurso político: entre persuadir e manipular". Foi uma conferência no âmbito do lançamento de um livro de Manuel José de Paiva e do professor José Teixeira. Charaudeau (2007, 2009) explica que "manipulação" é um contexto sempre conotado com uma má intenção, já "persuasão" pode ser tanto para o bem como para o mal. O autor acrescenta ainda que "persuadir um auditório consiste em produzir nele sentimentos que o predispõe a partilhar o ponto de vista do orador" (Charaudeau, 2007, p. 242). Eu queria saber se foi nesse sentido e, partilhando esta perspetiva de Charaudeau, que idealizou o título desta conferência.

MARIA ALDINA MARQUES

Sim. Nós sempre falamos porque queremos alguma coisa. Nesse sentido, nós manipulamos, num sentido amplo, neutro, nem positivo, nem negativo. Manuseamos a língua para dizermos aquilo que nos é favorável. Ora bom, esta é uma característica da língua e, por isso, eu hoje insistia tanto no

CC BY

conceito de escolha que é efetivamente fundamental. Queremos que aqueles ou aquelas para quem falamos adiram ao nosso ponto de vista e entra aí o domínio da persuasão, mesmo pensando no par persuasão-convicção, fazemo-lo usando argumentos, usando emoções, usando pontos de vista, usando posicionamentos. A manipulação, em sentido negativo, é o usar essa potencialidade da língua para, de forma escondida, levar o outro a fazer algo que é em nosso favor e não tanto em favor do outro. Portanto, está aqui efetivamente uma dimensão de esconder o objetivo para que o outro se persuada sem dar conta de que o estivemos a manipular. Portanto, é um par que nós não podemos efetivamente separar, como diz Charaudeau e, neste sentido, manipular é obviamente negativo.

SOFIA MENESES-SILVA

Então podemos afirmar que está relacionado com o título de um artigo que também publicou na editora Springer sobre o conceito de "linguagem contagiosa e simples" que caracteriza os discursos populistas (Marques, 2024).

MARIA ALDINA MARQUES

Essa expressão eu fui buscá-la a alguns autores que têm falado sobre o populismo e que o caracterizam, nomeadamente, em termos de linguagem e de ideologia. Há diferentes abordagens. O populismo ou a linguagem populista é uma estratégia que faz parte das democracias e temos que entender que, por exemplo, o discurso eleitoralista, o discurso de campanha eleitoral, é um discurso onde nós vamos encontrar o que eu chamo de "gestos de populismo". Está sempre presente e temos que, efetivamente, entender isso, porque o discurso eleitoral está naquilo a que Charaudeau chama o "domínio do desejável", aquilo que nós desejamos. Nós desejamos o mundo perfeito. Então, quando se passa para a governação, tem que se abandonar esta dimensão do desejável e passar para o possível, daí a distinção que nós vamos encontrar entre um discurso de campanha eleitoral e um discurso já como governantes, onde entram efetivamente outras responsabilidades. Então, com

traços diferentes, mais ou menos visíveis, nós podemos encontrar aí essa dimensão. O populismo nesta expressão que eu usei, efetivamente, parece ter – e tem - uma linguagem contagiosa. Neste modo de levar outros partidos a aderir a este modo de falar, a aderir, por exemplo, e eu considero que é uma dimensão de populismo, aderir às redes sociais e a passar a comunicar com os cidadãos através das redes sociais. Em formatos onde se reduz o número de caracteres possíveis a uma linguagem que pretende ser simples, mas que não é nada simples naquilo que deixa implícito e que naquilo que não permite explicar. É tudo em doses, em doses de medicamento: vai uma pílula agora, vai outra pílula a seguir. Funciona um pouco assim e, por isso, é que eu falava, indo buscar exatamente outros autores desta linguagem "pseudosimples", mas contagiosa.

SOFIA MENESES-SILVA

Para fecharmos esta entrevista com "chave de ouro", lanço a seguinte questão: que papel é que os linguistas têm em desconstruir este tipo de discursos? Ainda agora a Professora acabou de demonstrar que, afinal, não são assim tão simples quanto nós achamos que são...

MARIA ALDINA MARQUES

É exatamente mostrar como se constroem os discursos e mostrá-lo não alinhados ideologicamente um partido ou o quer que seja, mas a partir da tal construção teórica, a partir de uma teoria, mostrar efetivamente como é que estão construídos, como é que se interpretam os discursos a partir daquilo que é dito e do modo como é dito. E que isso não fique restrito aos investigadores, mas,

CC BY

nomeadamente, através da docência e de outros canais também de divulgação científica possa passar para a sociedade contribuindo para uma literacia política.

SOFIA MENESES-SILVA

Isto não se faz de uma forma imediata, mas de uma forma gradual, progressivamente, não é?

MARIA ALDINA MARQUES

Sim, gradual, mas que tem de ser feita. É ideal que os cidadãos sejam capazes de ser interlocutores à altura dos políticos e de outros. Serem interlocutores à altura na capacidade exatamente de interpretar o que é dito, dar atenção a estes modos de dizer e ao que eles revelam.

SOFIA MENESES-SILVA

Este conhecimento não pode ficar circunscrito à Academia, tem de sair destas portas, não é? Professora, temos que terminar por aqui, muito obrigada novamente por todos os seus contributos e por esta troca de conhecimentos linguísticos riquíssima. Acredito que continuará a inspirar muitas gerações de estudantes, investigadores e docentes e por isso agradeço-lhe mais uma vez. Agradeço também ao Centro de Linguística da Universidade do Porto por esta oportunidade.

Referências

Charaudeau, P. (2007). *Pathos* e discurso político (E. Mendes, Trad.). In I. L. Machado, W. Menezes, & E. Mendes (Eds.), *As emoções no discurso* (Vol. 1, pp. 240–251). Lucerna.

Charaudeau, P. (2009). Le discours de manipulation entre persuasion et influence sociale. *Acte du colloque de Lyon*, 1–14. https://www.patrick-charaudeau.com/Le-discours-de-manipulation-entre.html

Cordeiro, A. D. (2013, 27 de maio). Pelo menos na forma, "discurso de Passos Coelho é o oposto do de Sócrates". *Público*. https://www.publico.pt/2013/05/27/politica/noticia/debates-na-assembleia-da-republica-estao-mais-agressivos-e-musculados-1595625

Marques, M. A. (2000). *Funcionamento do discurso político parlamentar: A organização enunciativa no debate da interpelação ao governo*. Universidade do Minho, Centro de Estudos Humanísticos.

Marques, M. A. (2002). Conectores fáticos e construção da relação interlocutiva. In I. Duarte, J. Barbosa, S. Matos, & T. Hüsgen (Eds.), *Actas do Encontro Comemorativo dos 25 Anos do Centro de Linguística da Universidade do Porto* (Vol. 2, pp. 31–39). Centro de Linguística da Universidade do Porto. https://hdl.handle.net/10216/18447

Marques, M. A. (2012). Géneros do oral: Pregões e chamamentos. *REDIS: Revista de Estudos do Discurso, 1*, 99–118. https://ojs.letras.up.pt/index.php/re/article/view/3602

Marques, M. A. (2019). Especificidades do discurso político parlamentar em *A Queda dum Anjo*, de Camilo Castelo Branco. In *Encontros Camilianos 3* (pp. 125–146). Casa de Camilo-Centro de Estudos. https://hdl.handle.net/1822/63331

Marques, M. A. (2024). The simple and contagious language of populism: Portuguese parliamentary debates. In I. Íñigo-Mora & C. Lastres-López (Eds.), *Discourse approaches to an emerging age of populist politics* (pp. 103–120). Springer Nature Singapore. https://doi.org/10.1007/978-981-97-1355-4_6

Marques, M. A., Ramos, R., Duarte, I. M., Roboredo Seara, I., Pinto, A. G., & Pinto, R. (2024). *Vozes que moldam Abril: Os discursos presidenciais na celebração da Revolução*. UMinho Editora. https://doi.org/10.21814/uminho.ed.153